

SPINOLA, Eva Fonseca Silva. “**Isso não é coisa de professora**”: intersecções entre gênero, sexualidade e etnia/raça na construção da docência. 2020. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2020.

**Palavras-Chave:** gênero; sexualidade; etnia/raça; docência

É sabido que no final do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento da industrialização e o surgimento de novas ocupações no mercado de trabalho no Brasil, a docência, um ofício até então exercido por homens, tornar-se-á aos poucos uma profissão majoritariamente feminina, pensada para as mulheres brancas, sendo algo distante das mulheres negras, envolvidas, mormente, em trabalhos braçais. No decorrer do tempo, as representações se transformaram, mas, ainda hoje, verificamos a (re)atualização dos discursos pedagógicos destinados à produção da docência como um lugar de recato e da identidade branca, provocando fronteiras entre as mulheres-professoras quer seja pelo pertencimento a outra identidade étnico-racial quer seja pela forma como vivenciam o gênero e a sexualidade, ou mesmo pelo atravessamento entre ambos. Baseando-se nesse pressuposto, essa pesquisa tem como objetivos analisar as relações estabelecidas entre os discursos sobre sexualidade e as identidades étnico-raciais das professoras entrevistadas; identificar as ações de resistência à produção de uma sexualidade feminina normativa e discutir as tensões enfrentadas pelas professoras quando borram com os discursos hegemônicos sobre a sexualidade da mulherprofessora. Esta investigação se ancora nos referenciais foucaultianos, pós-críticos, pósestruturalistas e nos estudos decoloniais bem como dialoga com autoras e autores que discutem categorias como gênero, sexualidade feminina, professoras negras, etnia, raça, racismo, interseccionalidade e feminismo negro. Para a produção das informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas associadas à observação participante com três mulheres professoras (Fátima, Oyá e Apoema) atuantes na educação básica nos municípios de Jequié e Ipiaú, ambos localizados no interior baiano. Com base no diálogo com e entre as sujeitas de pesquisa e a literatura supradita, compreendemos que ao instituir modos de ser e viver, a docência pode ser tida como uma prática de subjetivação, que relacionada aos constructos socioculturais de gênero, sexualidade e raça/etnia influenciam diretamente na forma como Fátima, Oyá e Apoema, se produzem enquanto mulheres-professoras. Identificamos um exercício de negociação em que ora a docência imprime a vivência de determinada sexualidade por parte dessas profissionais, que, muitas vezes, cedem quanto à maneira de se vestir, à forma de falar, recrudescem seu lado maternal a fim de sufocar o desejo dos/das discentes, evitando qualquer tipo de aproximação e ora elas ressignificam o ser mulher-professora e os discursos destinados à sua produção, assumindo a lesbianidade para a comunidade escolar, criando alternativas para se divertirem em ambientes longe dos locais de trabalho, questionando as estruturas de uma sociedade racista, sexista e lesbofóbica. Este trabalho também nos aponta que a

intersecção entre identidade docente, gênero, raça/etnia e sexualidade produz diferentes efeitos nas mulheres-professoras partícipes desta pesquisa gerando, inclusive, processos discriminatórios e violência. Em uma cultura ocidental-cristã-branca-cisheteronormativa como a nossa, há investimentos contínuos na regulação do que é ser mulher-professora a fim de legitimar os pensamentos e valores do colonizador; controlando, portanto, o que é ou não permitido a essas mulheres, incluindo a forma de viver sua sexualidade mesmo que algumas delas ousem transgredí-la.